

# ESSÊNCIA & FLUXO

TERRA UNA

2026

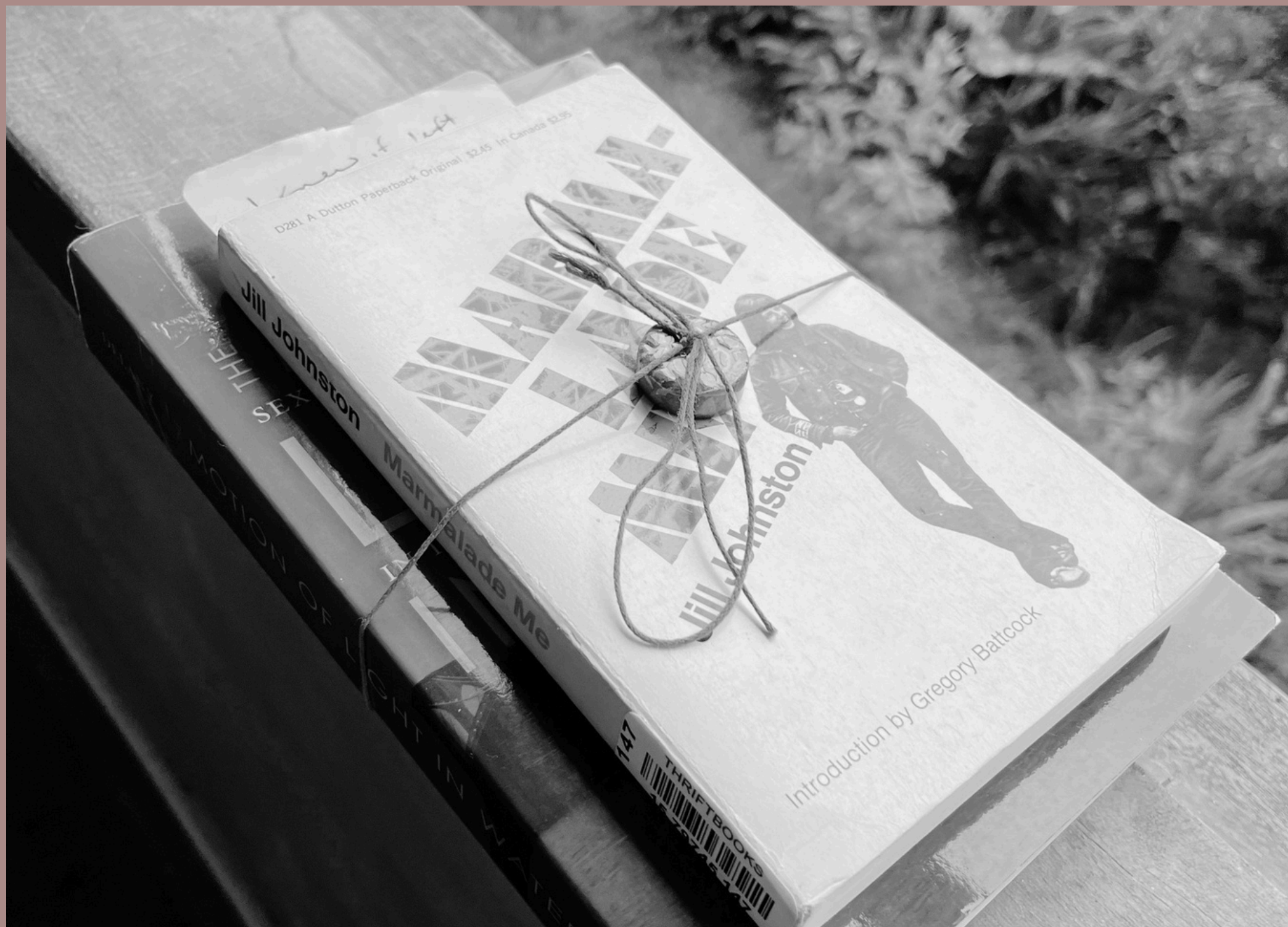
# CRÔNICA DE UMA RESIDÊNCIA

## Todd Lanier Lester

Eu fui para a residência com o objetivo de aprender mais sobre metodologias literárias para escrever a partir de experiências recentes e/ou em fluxo de consciência. Esse processo envolveu a leitura de dois livros: *The Motion of Light in Water: Sex and Science Fiction Writing in the East Village*, de Samuel R. Delany, e *Marmalade Me*, de Jill Johnston. A experiência recente (e foco da escrita) consistiu em revisitar uma antiga moradia, no Cairo, Egito, para entrevistar um amigo de longa data do Sudão: um importante cineasta em exílio devido à guerra civil em curso. O artigo para revista será publicado em breve, mas a justaposição entre vivenciar essa experiência e aprender a escrevê-la foi desconcertante. Em *Terra Una*, aprendi a me deixar ser parte da escrita. E onde melhor para ser sacudida / instigada / conduzida a algo novo do que em outro planeta, na natureza selvagem, entre outros espíões e um grupo de anjos, robotrons, ninfas da floresta, bandidos, avatares e fadas?

I went to the residency in order to learn about literary methodology in writing about recent experience and/or stream of consciousness. This involved reading two books: Samuel R. Delany's 'The Motion of Light in Water: Sex and science fiction writing in the East Village' and Jill Johnston's 'Marmalade Me'. The recent experience—and focus of writing—was revisiting a prior home, Cairo, Egypt to interview a long-time friend from Sudan, an important filmmaker in exile of the ongoing civil war.

The magazine article will soon come to print, yet the juxtaposition of learning to write it was jarring. On *Terra UNA* I learned to let myself be inside the writing. Where better to be jarred / egged / edged onward to something new than on another planet in the wilderness with other spies and a band of angels, robotrons, wood nymphs, bandits, avatars and faeries?



TERRA UNA 



# ESSÊNCIA & FLUXO / 2026

ORGANIZAÇÃO EDITORIAL  
**NADAM GUERRA**

CURADORES CONVIDADOS  
**BRUNA COSTA  
& MATHEUS MORANI**

PRODUÇÃO  
**DANILO NOBREGA**

PROJETO GRÁFICO  
**CAMIS LEMONDE**

IMAGEM DE CAPA E  
CONTRA CAPA

OBRA/  
**MARIA DE LOS  
VIENTOS**

FOTO/  
**CAMIS LEMONDE**

TEXTOS E IMAGENS  
**ALINE BERNARDI, ALLISON MOORE,  
AMANDA S GEE, BRUNA COSTA,  
CAMIS LEMONDE, DANILLO NOBREGA,  
DEBORAH DECKNES, DIANA GRAÇA,  
ELIANE FRAULOB, EVÂNIA DE  
PAULA, FERNANDO GODOY,  
GABRIELA RIBEIRO PEIXOTO, ALYNE  
PRADO, JOAO PEDRO ROSA, KALI,  
KAETÉRINE TERRA, LOLA SOL  
(PAOLLA MOURA), MATHEUS  
MORANI, MARIA DE LOS VIENTOS,  
MARIA SANCHES, MARIANA  
BATTISTELLI, MARISA FORTUNATO,  
MARI FRAGA, MANUELA EICHNER,  
NADAM GUERRA, TAUÃ REIS E TODD  
LANIER LESTER.**

DESIGN CONVITE  
**ELIANE FRAULOB**

IMAGEM DO CONVITE  
OBRA/  
**MARIA DE LOS  
VIENTOS**

FOTO/  
**CAMIS LEMONDE**

AGRADECIMENTOS  
**PUC RIO, SOLAR GRANDJEAN  
DE MONTIGNY, CARLOS  
EDUARDO FELIX DA COSTA**

EDIÇÃO E REALIZAÇÃO  
TERRA UNA E UNIÃO  
NATUREZA E ARTE  
**WWW.TERRAUNA.COM.BR**

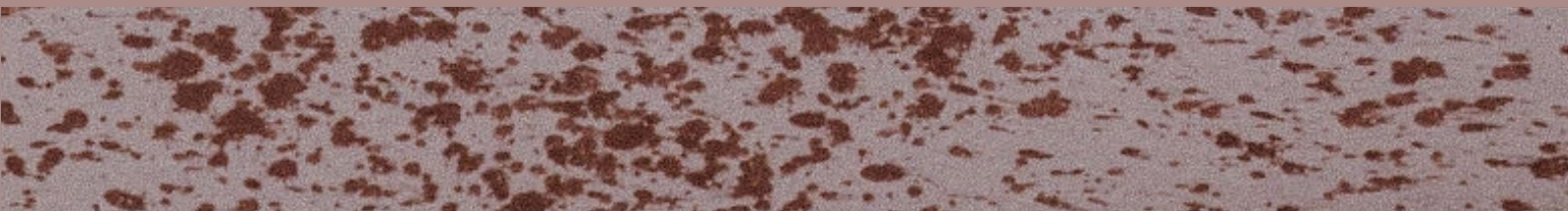
ORGANIZAÇÃO EDITORIAL  
**NADAM GUERRA  
(JOSÉ CARLOS GUERRA  
DAMASCENO)**

LIBERDADE, MINAS  
GERAIS, 2026  
ISBN:  
TIPO DE SUPORTE: E-  
BOOK: PDF  
ARTES. 700  
1. RESIDÊNCIA ARTÍSTICA  
2. ARTE CONTEMPORÂNEA.  
3. PRÁTICAS ARTÍSTICAS

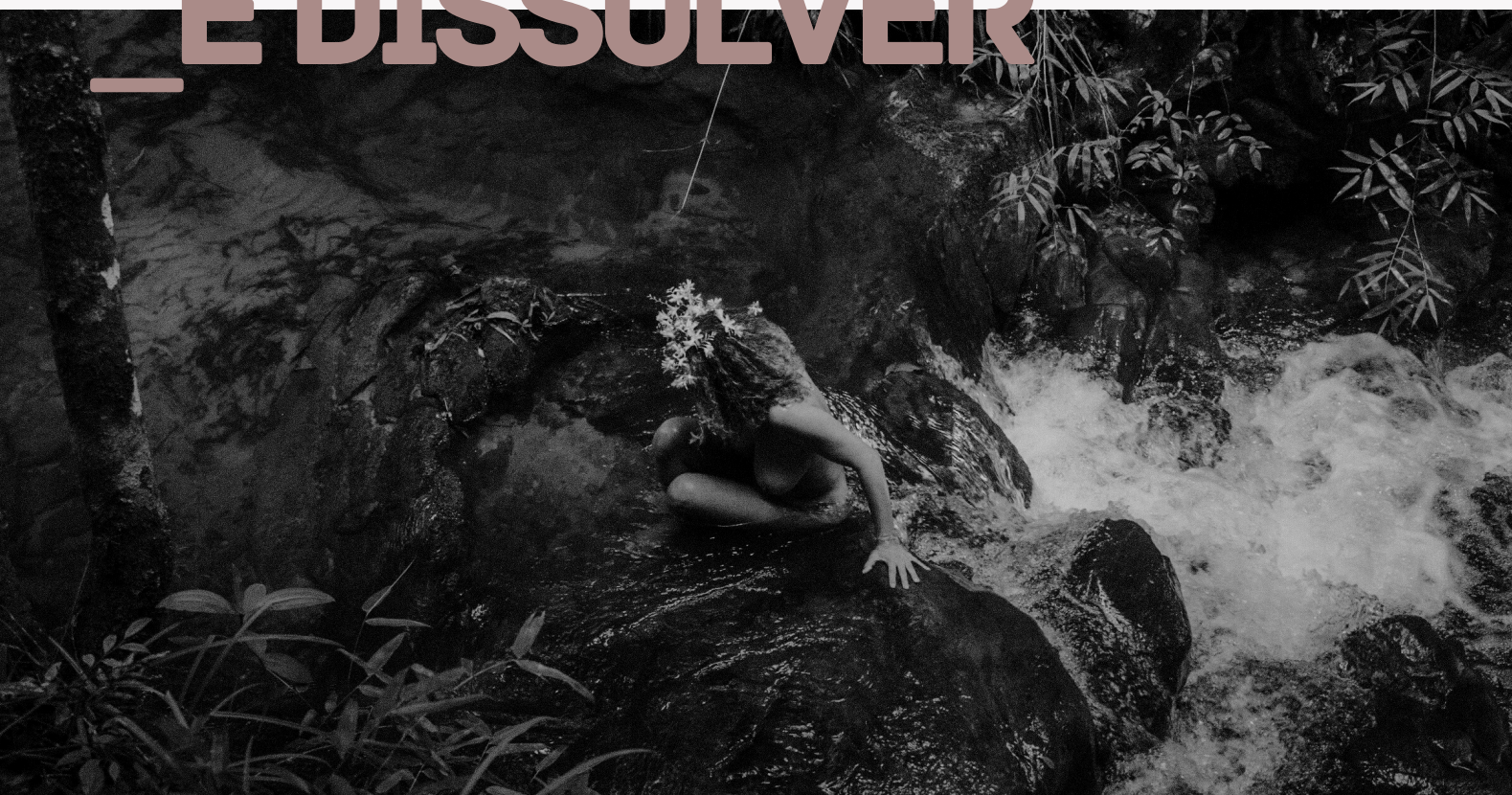


<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>06 &amp; 07</b>
<b>BRUNA COSTA</b>	<b>08 &amp; 09</b>
<b>AMANDA S GEE</b>	<b>10 &amp; 11</b>
<b>CAMIS LEMONDE</b>	<b>12 &amp; 13</b>
<b>DANILO NOBREGA</b>	<b>14 &amp; 15</b>
<b>DEBORAH DECKNES</b>	<b>16 &amp; 17</b>
<b>DIANA GRAÇA</b>	<b>18 &amp; 19</b>
<b>ELIANE FRAULOB</b>	<b>20 &amp; 21</b>
<b>EVÂNIA DE PAULA</b>	<b>22 &amp; 23</b>
<b>GABRIELA RIBEIRO PEIXOTO</b>	<b>24 &amp; 25</b>
<b>ALYNE PRADO</b>	<b>26 &amp; 27</b>
<b>JOÃO PEDRO ROSA</b>	<b>28 &amp; 29</b>
<b>KALI</b>	<b>30 &amp; 31</b>
<b>KAETÉRINE TERRA</b>	<b>32 &amp; 33</b>

<b>LOLA SOL (PAOLLA MOURA)</b>	<b>34 &amp; 35</b>
<b>MARIA DE LOS VIENTOS</b>	<b>36 &amp; 37</b>
<b>MARIA SANCHES</b>	<b>38 &amp; 39</b>
<b>MARIANA BATTISTELLI</b>	<b>40 &amp; 41</b>
<b>MARISA FORTUNATO</b>	<b>42 &amp; 43</b>
<b>TAUÃ REIS</b>	<b>44 &amp; 45</b>
<b>LYS MARQUES</b>	<b>46 &amp; 47</b>
<b>TODD LANIER LESTER</b>	<b>48 &amp; 49</b>
<b>ALINE BERNARDI, ALLISON MOORE E FERNANDO GODOY</b>	<b>50 &amp; 51</b>
<b>MARI FRAGA</b>	<b>52 &amp; 53</b>
<b>MANUELA EICHNER</b>	<b>54 &amp; 55</b>
<b>NADAM GUERRA</b>	<b>56 &amp; 57</b>
<b>DIA A DIA</b>	<b>58 &amp; 59</b>



# ESSÊNCIA E FLUXO \_ COAGULAR \_ E DISSOLVER



Coagular e Dissolver são dois movimentos complementares no processo criativo. Coagular é condensar a experiência, encontrar o núcleo essencial de uma ideia ou substância. É sintetizar, retirar o excesso e revelar a matéria fundamental. Dissolver é acrescentar: água, emoção, relação. É permitir que aquilo que foi encontrado se expanda novamente no mundo e encontre novos caminhos.

Entre esses dois gestos vive a prática artística. Em Terra Una, o contato com a floresta, a convivência coletiva e a troca entre artistas criam um campo fértil para que cada processo encontre sua própria forma. Desde 2007, cerca de 300 artistas já experimentaram as alquimias deste território.

foto / camis lemonde



foto / evânia de paula

Este catálogo reúne trabalhos realizados durante a imersão Essência e Fluxo, na residência Artística Terra Una em Janeiro de 2026 e algumas obras convidadas a compor a exposição Coagular e Dissolver que acontece no Solar Grandjean de Montigny, museu universitário da PUC-Rio, na última semana de março de 2026.

A exposição inclui obras, performance e conversas. Uma pequena coagulação dentro desse fluxo maior. Um momento condensado na trajetória desses artistas. Uma fotografia de processos em movimento, onde cada obra carrega algo da experiência vivida em Terra Una, suas trocas, perguntas e descobertas.

Fica aqui o convite para partilhar este instante em que essências tomam forma antes de seguir novamente seu caminho.

**Nadam Guerra**

# NOTAS SOBRE ESSÊNCIA E FLUXO: EMOÇÃO E COLETIVIDADE

“[...] AS EMOÇÕES TÊM UM PODER -  
E SÃO UM PODER - DE TRANSFORMAÇÃO.  
TRANSFORMAÇÃO DA MEMÓRIA EM  
DESEJO, DO PASSADO EM FUTURO, OU  
ENTÃO DA TRISTEZA EM ALEGRIA.”

GEORGES DIDI-HUBERMAN

Se fechar os olhos, posso lembrar do som da água. Era o som das cachoeiras, dos riachos, mas também de uma chuva sem fim. Dos pés pisando no chão úmido. Posso lembrar do silvo da concha anunciando um chamado. O grito “conchaaaa”. Algumas risadas. As canções cantadas juntos. O murmúrio nas refeições. Nos olhos, a lembrança das montanhas que nos cercavam. De caminhar lento e encontrar pequenas arquiteturas, dos humanos ou dos cupins. Ao fim do dia, um absoluto breu. Nos pés, uma ou outra dança, inebriadas de chá de canela e pimenta rosa.

Dispersos ali, formávamos um organismo; pontos focais nos ancoravam ao todo, mas se conservavam as missões individuais: o *trabalho* a ser produzido e finalizado. Preocupação legítima que não nos deixava esquecer em que se tratava de uma residência artística, mas sem perder o encanto e a leveza.



Todo canto que mirava, tinha alguém curvado sobre uma mesa, mexendo nalgum material, em silêncio, parando apenas vez ou outra para atender aos nossos rituais oraculares. Passamos por cada uma dessas pequenas oficinas como peregrinos curiosos, quebrando com cuidado o silêncio do labor, adentrando esses universos. Por vezes, me perguntava o que eu tinha para oferecer, já que quem estava com a mão na massa, tão imersos em suas buscas, eram elas e eles. Mas esses artistas nos ofereceram uma porta aberta com uma generosidade que não pudemos recusar, e as trocas que realizamos costurou pequenos laços e pontes que foram talvez o ponto-chave de toda a residência - não apenas entre artistas e curadores, mas deles entre si, deles com a floresta, deles com a própria essência.



Apesar de tanta dedicação aos seus ofícios particulares, a dimensão do trabalho coletivo marcou “Essência e Fluxo”. Pequenos grupos se conectavam conforme as afinidades, mas também mudavam de composição conforme a necessidade e disponibilidade: num momento um participante era o centro da mobilização; noutro, trocava-se de posição. Muitas mãos auxiliando em muitos trabalhos. Alguém coleta algo na floresta e lembra de um dos companheiros. O bom de ser espectador é poder acompanhar esse tipo de magia coletiva acontecer, materializando-se nos trabalhos que hoje compõem a exposição. Em arte, se faz de tudo, mas não se faz sozinho.

Um dos prováveis motivos para essa força coletiva foi a necessidade do trabalho com o corpo. Presenciamos algumas performances, todas de primeira leva para suas autoras. Porque elegeram um meio inédito para elas, é difícil dizer. Algo nas montanhas mágicas talvez nos conecte com um sentimento tão imediato que a matéria pulsa e o corpo se libera, cria urgência de fazer algo para canalizar os desejos, os atravessamentos. Seus corpos mergulharam na terra, nas folhas, nas águas. E novamente a coletividade trouxe suporte e presença para toda plasticidade buscada. O emprego do corpo se fez presente não só nessa linguagem, mas em muitas outras: nos vestígios deixados pelo gesto, na força do trabalho escultórico, na transformação espacial dos site-specific - em todo processo que o corpo labuta ao longo desses quase 20 dias de imersão.

E os afetos que emergiram. Pareciam necessários braços para conter o esforço e a emoção. Um pathos incontornável, borbulhante em meio a um mergulho intenso dentro de si. Didi-Huberman considera que a emoção não é sentimento individual e passivo, mas informa uma pulsão coletiva que tem potencial de se transformar em ação. Entre diversas materialidades, há o desejo coletivo que impulsiona esses seres desejantes, a vontade de transcender a individualidade e entregar suas criações ao mundo. Que o oráculo nos revele os caminhos.

**Bruna Costa**